



DO USO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS À IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR: POR UM ENSINO DE HISTÓRIA INOVADOR E CONSEQUENTE

Olindina Ticiane Sousa de Araújo; Ana Márcia Maciel.

Universidade Estadual da Paraíba

ticiane2606@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem por finalidade apresentar ao caro leitor discussões envolvendo as novas abordagens acerca do ensino de História com a introdução do uso de alguns recursos tecnológicos, por exemplo: computadores, internet, blogs, tabletes, aparelhos de áudio e vídeos, entre outros, visados como um caminho a ser seguido de maneira coerente e produtiva no desenvolvimento das aulas e transmissão do conhecimento histórico, entendendo o papel do profissional de História mediante as transformações. Portanto, tal produção textual não tem pretensões de corrigir falhas ou abordar perspectivas tidas como desnecessárias e/ou equivocadas para o ensino de história, em sala de aula, com o auxílio de recursos tecnológicos. Pelo contrário, tratará de meios possivelmente viáveis para as novas formas sugestivas de ensinar e apreender história. Além disso, discutirá problemáticas que estabeleçam uma melhor ligação entre o ensino de história e o uso de tecnologias para tornarem os conteúdos mais dinâmicos e interessantes, possibilitando, desta forma, um aprendizado eficiente através de uma variedade de opções didáticas e metodológicas que, conseqüentemente, poderá ser reflexos de bons resultados.

Palavras-Chave: Aprendizagem, Ensino de História, Recursos Tecnológicos.



1. INTRODUÇÃO

Por mais de um século, ensinar História não passava de um ato de memorização de datas e fatos tidos como importantes à história da civilização humana. Devia-se dedicar várias horas de seu tempo na tarefa rotineira e cansativa de decorar nomes, eventos e datas. Entretanto, no decorrer das duas últimas décadas do século XX, passou-se a questionar sobre o caráter narrativo, positivista e repetitivo da historiografia, possibilidade, a partir daí, novas leituras e escritas capazes de permitir novos discursos acerca do fazer e ensinar História.

O comodismo, em relação ao desinteresse pela busca de métodos que possibilitem a apreensão das atenções e gostos dos estudantes pelos conteúdos transmitidos, e a insegurança em repassar os conhecimentos, quando aquele não se sente confiante e coerente aos fatos, são características refletidas em muitos profissionais de história que saem com titulações de graduação das universidades, talvez algumas dessas questões possam ser justificadas pela desvalorização da categoria de professor, no que diz respeito aos salários e reconhecimento do mesmo na sociedade a qual está inserido, e por o componente curricular no ensino fundamental e médio não despertar grande interesse por parte dos estudantes. Logo, o profissional pode se encontrar desestimulado na procura por novas concepções e maneiras de (re) pensar a estrutura de suas aulas.

Quando se tem uma rotina traçada, idealizada, seguida há tempos naquele esquema memorizado, lidar com a novidade ou introdução de outros recursos didáticos, além do livro, pode se tornar um grande desafio para o professor de história firmado nos moldes dos velhos sistemas de “decoreba” dos eventos históricos, personalidades “heroicas” e datas cristalizadas.

É nítido o fato de muitos professores continuarem a elaborar o seu ensino de história sobre narrativas positivistas, anacrônicas, repetitiva e desinteressante. Além do mais, sem incrementar novos olhares e perspectivas que possam abrir um leque de



opção e desfazer concepções, dentro da própria História e do ensino de História, tidas como verdade absoluta e inquestionáveis. Porém, isso não significa que estas formas sejam meramente ultrapassadas e improdutivas na construção de saberes. Assim, pretendemos, a partir de outras leituras, discutir novas abordagens para o ensino de História e a utilização de recursos tecnológicos nas aulas.

2. ESCOLA E TECNOLOGIAS: UMA RELAÇÃO DE CONTRASTES

A escola, enquanto estrutura, se coloca como uma ferramenta mediadora entre professores, componentes curriculares e a comunidade estudantil, se impondo como um espaço propagador de saberes, que, na maioria das vezes, não chega a alcançar suas principais expectativas e muito menos a comunidade para além dos muros. Ao analisar o quadro escolar dos últimos tempos, a escola se encontra mais propícia a críticas desconstrutivas por não corresponder às exigências, não acompanhar as transformações ocorridas na sociedade e por ser questionada incessantemente acerca do papel do professor, dos conteúdos ensinados, dos métodos usados, das relações estabelecidas entre os estudantes e o ensino-aprendizado.

As tecnologias implantadas ao sistema educacional de muitas escolas, como mecanismo facilitador e instigante à aprendizagem, não correspondem à realidade das muitas estruturas físicas. Com as mudanças e inovações tecnológicas, se passaram a exigir da escola o seu enquadramento na modernidade através do uso de novos instrumentos de informações e comunicações, principalmente, como apoio para o ensino, por mais que a escola não alcance os padrões básicos.

Portanto, os debates travados sobre o uso dos meios tecnológicos como um dos recursos eficientes para o aperfeiçoamento das aulas, transmissão de novos assuntos com maior ganho de tempo e qualidade, possibilidades de concepções diversificadas, as relações mais próximas e firmes entre o ensino de história e realidade estudantil, o papel do profissional de história, seja o professor/historiador/pesquisador, após a utilização de



computadores, tabletes, sites, blogs, redes sociais, projetores de vídeos, entre outros, na sala de aula, são alguns dos fatores que compõe as discussões sobre o ato de ensinar com tecnologia e a partir daí coletar os resultados obtidos com as mudanças.

3. O ENSINO DE HISTÓRIA: POR UMA AULA ESPERADA E PRAZEROSA

As transformações ocorridas no final do século XX, seja no âmbito político, social ou econômico, criaram entre professores e estudantes do curso de História uma condição coletiva ou individual de desinteresses e falta de credibilidade acerca de alguns conhecimentos históricos, na maneira de ensinar História e na capacidade do componente curricular em sala se tornar um meio transformador de indivíduos.

As propagações de novas tecnologias e as difusões de suas eficiências em âmbito global estimularam indagações referentes à capacidade educacional do livro didático como recurso competente, por considerá-lo chato e superficial; colocaram professores como figurantes de um cenário cotidiano sem grande funcionalidade, já que jugavam-se mais rápidos e competentes outros meios de informação, apresentando várias propostas curriculares como ultrapassadas. Logo,

Procurando acompanhar as mudanças (...) muitos professores acabam comprando a ideia de que tudo o que não é muito veloz é chato. Na sala de aula, o pensamento analítico é substituído por “achismos”, alunos trocam a investigação bibliográfica por informações superficiais dos *sites* “de pesquisa” pasteurizados, vídeos são usados para substituir (e não complementar) livros. E o passado, visto como algo passado, portanto superado, tem tanto interesse quanto o jornal do dia anterior. (PINSKY, 2010, p. 17)

O problema é que muitos almejam novas perspectivas, mas, na verdade, acabam presos ao comodismo e informações equivocadas, objetivando acompanhar as mudanças e tendências dos novos tempos sem a avaliação e preparação que deveriam ter antes de proporcionarem relações entre conteúdo de História e alguns recursos tecnológicos visados como ferramentas capazes de promover o dinamismo e absorção dos assuntos,



por partes dos alunos, com maior eficácia no desenvolvimento das aulas. No entanto, segundo a perspectiva de Schmidt (2004, p.63), “(...) quando acolhidas pelos educadores, tais inovações tecnológicas têm normalmente sido usadas como técnicas de ensino, estratégias para preencher ausências de professores ou como recursos para tornar as aulas menos enfadonhas”.

Talvez uma dos nossos grandes desafios seja adequar as nossas convicções as exigências desses novos tempos sem sermos influenciados pelas correntes atuais de pensamento, que passam a empolgar um número significativo de fanáticos e pessoas que costumam seguir “modinhas”. De fato, torna-se necessário despertar em cada estudante o sujeito histórico que é, e a sua importância na naquele contexto social. De acordo com o pensamento de Pinsky (2010, p. 21), “Humanizar o homem é percebê-lo em sua organização social de produção, mas também no conteúdo específico dessa produção”.

O professor de história deve ser visto como um ponto de articulação entre o universo do aluno e o patrimônio cultural da humanidade, tornando, assim, o clima equilibrado e as aulas de História mais instigantes e prazerosas. Mediante estas circunstâncias,

Para construirmos mudanças deveremos produzir um ensino que procure desenvolver a produção do conhecimento vinculando o ensino e a pesquisa, oportunizando aos sujeitos do processo uma postura que leve sempre ao questionamento, à coleta de dados bem como à permanente reflexão (...) Portanto, a conscientização, a capacidade de ser crítico e reflexivo diante do mundo e das coisas, contribuindo para a construção do processo de novas relações que se estabeleçam nas nossas salas, e, conseqüentemente, no ensino de história(...). (FERREIRA. 1999, p. 07).

A utilização do laboratório de informática, quando a escola atende a essa estrutura, através do acesso a sites, blogs ou páginas educativas que compartilham de assuntos interessantes sobre História, assim, como documentários expostos em



projetores de vídeos que fazem uma profunda relação com o cronograma de assuntos debatidos, de maneira que esses recursos sejam planejados antecipadamente, estando no plano de aula e de curso, e se encaixando no tempo e na temática de cada aula, podem ser opções saudáveis para tornar o ensino de História consequente, atrativo, menos cansativo e mais proveitoso. “O professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas necessárias (...). Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas (...) procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemáticas”. (SCHMIDT, 2004, p. 57).

De acordo com esses apontamentos, pode-se dizer que há necessidades de pessoas capacitadas para fazer uso de tais ferramentas e que a escola possa atender as demais exigências. Logo, estes fatores são questões que enquadram discussões acerca das dificuldades emergentes quando o espaço escolar não adente as exigências básicas para o ensino e que deve se adaptar as prováveis mudanças advindas com a introdução de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para melhor aperfeiçoamento do profissional e das condições de ensino-aprendizagem. Nestas situações, joga-se:

A utilização das metodologias ativas mais o uso do computador, como uma recurso didático para o fazer cotidiano da sala de aula, contribui para aumentar a participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, estimulando-os a desenvolver atividades de pesquisa vinculadas ao ensino de história, bem como para fazer do professor um orientador/facilitador, e não o proprietário do processo de transmissão do conhecimento. O conteúdo passa (...) a ser construído coletivamente com ênfase no crescimento individual e na socialização. (FERREIRA, 1999, p.10-11).

Ao contextualizarmos tais comportamentos voltados à falta de interesse ao ensino de História e a busca pelo aprendizado de qualidade referente ao componente curricular nos dias atuais, pode-se dizer que as ações, ou boa parte delas, são advindas com o acontecimento histórico conhecido como o Golpe Civil Militar de 1964 no Brasil, que eliminou das propostas de ensino a História, Filosofia etc., e sob a influência e interesses dos Norte-americanos, deu-se maior ênfase e importância ao ensino



tecnicista no país, pois objetivava, entre outros pontos, atender as demandas do governo militar. Segundo Ferreira (1999, p. 09) “Nesse contexto, as metodologias de ensino foram evidentemente mal utilizadas (...)”.

. É necessário criar pontes sólidas entre realidade e conhecimentos históricos, pois não basta transmitir informações, já que estas devem se transformar em conhecimentos, mas proporcionar condições para que os alunos participem ativamente do processo de fazer e construir a História, desenvolvendo compreensões para que aqueles entendam o seu papel social e a ideia de que o conhecimento histórico é adquirido com o passar do tempo e não na condição imediata. Segundo Schmidt (1998, p.57), “(...) comumente ouvimos os alunos afirmarem: “eu não dou para aprender História” (...)”.

Diante disso, existe um intenso desejo de mudança da condição atual referente ao desgosto por História nas escolas, sejam públicas ou privadas, no ensino fundamental ou médio. Infelizmente, ouvimos determinadas afirmações por parte dos alunos que refletem no insucesso da aprendizagem, quando realizado debates entre professores e estudantes, trabalhos escolares ou exames bimestrais, por serem mais comuns. O desinteresse pelo estudo do passado é notório e desencadeia em uma porcentagem negativa de estudantes que insistem em não gostar de História. Assim, a mudança desse cenário cabe tanto ao corpo escolar, quanto, particularmente, ao professor no ato de planejar, usar a criatividade e apresentar de maneira mais clara e objetiva o quão divertido e importante pode se tornar as suas aulas com a utilização de tecnologia, consolidando-se na situação de referência à qualidade de ensino e aprendizagem daquela instituição.

4. NOVAS ABORDAGENS: ENTRE PROBLEMÁTICAS E POSSIBILIDADES

Nos dias atuais, observamos o uso crescente do computador por este ser interpretado, por exemplo, no meio social, econômico e com sistema capitalista, como



uma ferramenta eficiente, rápida, produtiva e incansável, elevando, nestes últimos tempos, os níveis de desemprego por aquele ser capaz de substituir o esforço humano, sendo possível percebermos que:

A excessiva mecanização no setor produtivo da sociedade gerou e ainda gera novas regras (...), alterando o perfil do trabalhador, exigindo um maior grau de escolaridade e com qualidade. Exigência esta que traz ao campo das discussões a relação homem e máquina nas transformações sociais com as novas tecnologias. (MOURA, 2009, p.05).

Entretanto, o computador também passou a ser visto como uma possibilidade tecnológica a ser usada nas aulas de História, e não somente como um elemento capaz de substituir o profissional da área de educação, a ser o caso discutido, ou no interesse de manuseá-lo para ganhar tempo naquelas aulas chatas, monótonas, cansativas e sem relação existente entre a utilização das fontes e o possível assunto trabalhado naquela circunstância, exigindo do professor um planejamento bem elaborado. Assim,

(...) o professor de História, como de resto o profissional das Ciências Humanas, tem um certo desprezo pelo uso das tecnologias no ensino. Haja vista que, na maioria dos casos da prática pedagógica, o professor é um mero reproduzidor das informações produzidas, tornando o ato de ensinar algo defasado e desconexo. Neste sentido, é necessário, portanto, que os professores de história passem a compreender que os processos de inovação, derivados do emprego dos recursos tecnológicos, servirão para oxigenar a prática docente. (FERREIRA, 1999, p.08).

De fato, a utilização constante dessas ferramentas, principalmente do computador, não irá substituir o professor, mas se este profissional insiste na permanência de velhas ou ultrapassadas formas de ensinar História, acomodado à rotina tradicionalista adotada há tempos, principalmente em instituições de ensino que presam pelo acompanhamento das transformações sociais, econômicas e tecnológicas, aquele pode ter seus dias contados e passar a integrar mais um número na lista dos desempregados.



Nesse contexto, é necessário voltar o olhar para a formação inicial e contínua dos professores, priorizando a prática pedagógica em comunicação com as novas tecnologias, compreendendo-as como potencializadora da construção do conhecimento histórico. Sua incorporação deve evitar os modismos e o uso inadequado, que para tal só pode ocorrer quando este se reconhecer como protagonista no trabalho pedagógico. (FRANÇA; SIMON, p.04)

No entanto, não basta apenas se apropriar das fontes possíveis, mas o professor de História deve demonstrar pleno domínio dos conteúdos e saber usá-los de acordo com as mais diversas metodologias de seu conhecimento. Porém, o profissional deve ter consciência de que o poder da utilização está sob o seu domínio, e ele determinará as ocasiões convenientes ao manuseio dos recursos metodológicos, definindo quando, como e onde poderá usá-los.

O uso de tecnologia na relação das construções cotidianas em sala de aula visa o aprimoramento que desperta a expressão do lado reflexivo, crítico, argumentativo, criativo e coordenador dos alunos. O computador passou a ser um recurso cada vez mais usado e comporta-se como aliada ao desenvolvimento no âmbito escolar.

Quando o acesso à internet passa a ser permitido, porém com certas limitações no laboratório de informática, sob supervisão do professor, os estudantes tomam a liberdade de navegarem em um meio virtual que lhes proporcionam informações em séries, notícias em último instante e todos os tipos de *sites*, redes sociais, blogs, filmes, documentários, jogos, etc. Assim, a junção entre o computador e a internet permite a interpretação de um meio propício à pesquisa, a existência de variados e infinitos símbolos, a um espaço que proporciona produções textuais e as suas divulgações em questões de segundos.

Existem muitas as possibilidades de integração e envolvimento com essa ferramenta, como acesso a uma riqueza de recursos que são os sons e imagens, possibilitando maiores explorações e integrações de idéias por parte dos alunos nas questões conceituais. E ainda mudanças nos papéis dos professores e



métodos de ensino, bem como a facilitação na busca de dados de natureza histórica, direcionando-se nas propostas da concepção da “História Nova”. (FRANÇA; SIMON, p. 08).

Portanto, tanto o computador e a internet, como a TV, vídeo, blogs e outros meios didático-metodológicos, deve ser usado com criatividade e inovação pelo professor para melhor aproveitamento e o despertar das curiosidades coletivas e individuais sobre a disciplina.

Os recursos possivelmente usados nas aulas, com manuseio correto do professor, inegavelmente poderá trazer benefícios rápidos e satisfatórios, pois são usados visando a captura da atenção dos alunos, na busca por novidades, resultados almejados e desenvolvimento da capacidade de transmitir os conteúdos sem grandes esforços.

De fato, o uso de certos equipamentos em sala de aula pode incentivar os estudantes ao hábito de observar, ouvir, ler e interpretar os assuntos estudados, estimulando questionamentos, críticas, incentivando atualização sobre o que acontece no mundo, e permitindo que os mesmos façam uso dos recursos tecnológicos na hora de revisar os conteúdos de História. “Estamos, pois, através do ensino de História, oportunizando o desenvolvimento de uma nova atitude diante do mundo (...)”. (FERREIRA, 1999, p. 12).

Entretanto, os atropelos e obstáculos são os reflexos do outro lado da moeda. Nem todos os alunos assimilam os conteúdos na mesma rapidez e sequência de informações, muitos encontram dificuldades para chegar até a escola, outros se vêem obrigados a deixar a sala de aula e fazer parte das estatísticas de jovens e crianças que não frequentam a escola por diversas razões, além disso, muitos professores se encontram limitados, inseguros e despreparados para lidarem com certos conteúdos de História, evasões de sala ou turmas enormes com variação de faixas etária. Ferreira (1999, p. 13) afirma: “Para o professor é uma tarefa que implica, muitas vezes, mudanças no seu comportamento pedagógico, (...) ele terá que estar (...) em processo de



atualização e adotando uma visão crítica, sem medo de se expor e de errar, (...)”. Logo, o professor precisa encontrar as melhores formas possíveis para lidar com situações inesperadas ou até mesmo previstas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir sobre a introdução das novas tecnologias de informações e comunicações na escola e no ensino de História requer uma leitura mais ampla sobre os possíveis resultados das condições referentes a maneira de utilização e entender que estas transformações ocorridas na forma de ensino são reflexões de uma sociedade influenciada constantemente por mudanças nas mais diversas formas e contextos. Mas, o profissional de História também deve compreender que poderá proporcionar excelentes aulas sem a utilização de equipamentos eletrônicos ou outros recursos tecnológicos usados como metodologias pedagógicas.

Acredita-se que a contribuição das novas tecnologias, agregadas principalmente ao ensino de História, deve resultar em um maior número de pesquisas e produções que contribuam significativamente para a transmissão dos conhecimentos históricos de forma coletiva ou individual. De fato, cabe ao professor de História se enquadrar no hábito constante de pesquisar e atualizar-se no seu campo de trabalho e se permitir reestruturar-se, reciclar-se no maior número de conteúdos e aulas possíveis. Porém, isso não significa que devemos abandonar de imediato ou não as antigas formas de ensinar, e sim tentarmos encaixá-las nas novas abordagens e críticas emergentes.

Portanto, será pela ação, ousadia e gosto de ensinar que o professor poderá despertar o interesse por conhecer as famosas pirâmides do Egito, as fabulosas narrativas míticas dos Gregos, as formas políticas e econômicas da Roma Antiga, as guerras mundiais, os Impérios, as mais diversas e impressionantes culturas e religiões espalhadas pelo mundo, entre outros. Além disso, podendo estabelecer o conhecimento da história de sua cidade, bairro ou rua naquele universo construído entre



a relação professor/alunos na sala de aula, juntamente com o uso e manuseio de tecnologias acessíveis as condições propostas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FRANÇA, Cyntia Simione. SIMON, Cristiano Biazzo. **Como Conciliar Ensino de História e Novas Tecnologias?** Disponível em:<[http:// www.uel.br/eventos](http://www.uel.br/eventos)> Acesso em: 01 jul 2015.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. **Ensino de História e a Incorporação das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação: uma reflexão.** Revista da História Regional. v. 4, n.2 1999. Disponível em: <http://www.uepg.br/rhr/v4n2/carlos.htm>. Acesso em: 1 de julho, 2015.

NIKITIUK, Sônia M. Leite. **Repensando o ensino de História.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999 (Questões da nossa época).

MOURA, Mary Jones Ferreira de. **O Ensino de História e as Novas Tecnologias: da reflexão à ação pedagógica.**

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi; KARNAL Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula.** In: BITTENCOURT, Circe. O saber histórico na sala de aula. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. CAINELLI, Marlene. **Ensinar História.** São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Pensamento e ação na sala de aula).

SURUAGY, Cláudia Calheiros da Silva. **Um olhar midiático para o ensino de história.** Disponível em: <<http://www.webfaccional.com>>. Acesso em: 01 jul 2015.